

JOSÉ MARIA ALVES

**HISTÓRIAS DE NASRUDIN
VOLUME I**

WWW.HOMEOESP.ORG

De Nasrudin pouco ou nada se sabe. No entanto, dele resta o mais importante: o seu ensinamento.

Há quem afirme que o Mullá – *Khawajah Nasr Al-Din* – terá vivido numa cidadezinha da Turquia, onde nasceu por volta do século XIII. Escreveu e contou histórias onde ele era o próprio personagem principal.

Sábio sufi de quem se desconhece ou pelo menos se duvida, do país de origem, do local onde viveu e quando, se é que efectivamente existiu, tem ensinamentos nas suas histórias que podem praticamente ser qualificados como mundiais.

O Mullá não se ri apenas dos outros. Ri-se de si e dos outros. Faz-nos rir de nós mesmos.

Pode alguma coisa ser séria, caso ninguém se ria dela ou a ridicularize?

As suas histórias podem parecer superficiais e anedóticas, mas que se acautelem os mais incautos: sabedoria não é sinónimo de austeridade e circunspecção. Têm e devem ser lidas nos seus diversos níveis de profundidade.

Ler Nasrudin, é penetrar no Sufismo, na sua essência. A cada leitura, a cada aprofundamento da mensagem contida nas histórias, algo acontece, algo se transforma, e esse algo, que somos nós, sem que o saibamos estaremos certamente mais próximos do misticismo.

Desde tempos imemoriais que o homem usa conscientemente as histórias para provocar uma doutrinação superior, uma aproximação à *libertação*.

Estas, para não perderem a sua eficácia, não podem ser lidas como simples motivo de entretenimento. Necessitamos de mergulhar nas suas profundezas.

Por outro lado, quando as adaptamos, não podemos desvirtuar a sua essência sob pena de alteração irreversível dos fins prosseguidos.

Com as *Histórias De Nasrudin* iniciamos um conjunto de pequenas obras que almejam a ampliação da consciência, com o inerente aumento da capacidade criativa e “mística”.

As histórias foram adaptadas – *um vício meu* –, mas mantêm na íntegra a sua intencionalidade.

Que vos dêem o mesmo prazer e benefício que delas eu próprio alcancei.

José Maria Alves

AGOSTO DE 2007

Nasrudin, na praça do mercado
Dirigiu-se à multidão:
“Povo deste lugar.
Minha boa gente
Que sempre trago no coração.
Quereis conhecimento sem dificuldade?
Verdade sem réstia de falsidade?
Realização sem esforço?
Progresso sem sacrifício?”

O número de pessoas era cada vez maior
E todos bradavam
Do mais velho ao mais moço:
“Queremos, queremos!”

No meio de todo o entusiasmo,
De toda aquela gente,
Disse o Mullá:
“Excelente.
Apenas o queria saber para bem entender.
Confiem em mim
Como em vossos pais confiastes e confiais.
Porfiai que tudo a respeito vos contarei
Caso algum dia
Descubra algo assim.”

Um aluno do Mullá perguntou:
“Qual o maior empreendimento:
O do homem que conquistou um império,
O do que o poderia ter feito mas não o fez,
Ou daquele que evitou que outro o fizesse?”

“Disso nada sei”, respondeu Nasrudin.

“Mas há um empreendimento
Bem mais árduo e dificultoso
Que qualquer desses.”

“Qual é?”,olveu o discípulo.
“Ensiná-lo a ver a realidade tal qual ela é.”

Quiseram os moradores da aldeia embaraçar Nasrudin
Por ser considerado uma espécie pouco ortodoxa de santo,
Rogando-lhe que fizesse um sermão na mesquita.
Nasrudin anuiu.

No dia marcado subiu ao púlpito
E disse:
“Bom povo, fiéis, sabeis vós o que vou dizer?”
“Desconhecemos”, responderam.
“Se não sabem, então falar não poderei.
Sois uma corja de ignorantes.
Não perderei mais tempo convosco.”
Regressou de imediato a casa, indignado.

Vexados, volveram uma vez mais a Nasrudin
Pedindo-lhe que fizesse um novo sermão.
Nasrudin compareceu e questionou-os:
“”Bom povo, fiéis, sabeis vós o que vos vou dizer?”
De conluio responderam em uníssono:
“Sabemos, falai.”
“Nesse caso, não estais aqui a fazer nada.
Ide para casa, que outras ocupações vos aguardam.”

Mais uma vez, solicitaram nova pregação.
Nasrudin perguntou:
“Sabeis ou não o que vos vou dizer?!”
De novo combinados, responderam:
“Uns sabem,
Outros não.”
“Bom, assim sendo,
Os que sabem ensinam os que não sabem.”
De imediato desceu do púlpito.

Um aldeão aproximou-se de Nasrudin
Com uma expressão de dor, dizendo:
“Tenho dores de morte no olho.
Que faço?”
Nasrudin colocou a mão no queixo,
Franziu o sobrolho e disse:
“Há dias que o meu molar me doía,
Uma dor infernal.
Não me acalmei
Enquanto o não arranquei.”

Certo dia
Perguntaram ao Mullá:
“Quando amanhece
Cada um vai para seu lado:
Uns para cá
Outros para lá,
Porque será?
Uns para a eira
Outros para a fábrica
Outros para a baía
E alguns para a estação.”

Respondeu:
“Se todos fossem na mesma direcção,
Certamente,
O mundo desequilibrava-se,
Tropeçava
E caía.”

A escola de Nasrudin estava em chamas.
Sentado debaixo de uma árvore via-a arder.
Passou um motorista da aldeia.
“Professor, a escola está em chamas!”
“Eu sei.”
“E nada faz?”
“Não estou a fazer?”
“O quê?!”
“Desde que começou o incêndio
Rezo para chover.”

“É verdade Mullá que tem vinagre de quarenta anos?

Ouvi dizer.”

“É.”

“Dá-me um pouco?”

“Nem pense.

Poderia o vinagre quarenta anos ter

Se eu o andasse por aí a oferecer?”

Um Emir serviu lauto banquete
Para o qual todos convidou.
Nasrudin, assim que soube
Não se fez esperar.
Com seu manto esfarrapado
Correu para o palácio
Onde o mestre de cerimónias
O sentou junto de mendigos,
No pior lugar,
Afastado de grandes celebridades
E das melhores mordomias.
Muito tempo demoraria até que fosse servido.
Melhor seria a casa retornar,
Vestir roupa a preceito,
Besuntar-se com água de cheiro.
Assim pensou, assim fez.

Vestiu um manto resplandecente
E magnífico turbante colocou.
Chegado ao palácio
Rufaram tambores e soaram trombetas
A condizer com tamanha personalidade.
O camareiro real conduziu-o para lugar
Na mesa principal ao lado do próprio Emir
E de farta comida foi servido.
Nasrudin apanhava alimento com as mãos
Esfregando-o no manto e no turbante.

Tais modos estranhou o Emir:
“Eminência, Senhor, estou curioso.
Seus costumes são uma novidade para mim.”
“Enfim, é justo e normal”, respondeu Nasrudin,
“Se o manto e o turbante me fizeram aqui chegar
Não merecem assim, perante tal arte e engenho
A sua parte?”

O Mullá, de cócoras
Esgravatava no chão
Em frente de sua casa.
Buscava algo que não lograva encontrar.
Um vizinho questionou-o:
“Que buscas tu?”
“A minha chave, bom homem”, respondeu.

Os dois ajoelhados vasculham:
Terra, poeira, pedra,
Da porta à soleira
E metade do caminho percorrem,
Mas nada.

Cansado de tanto remexer
Com todos os dedos a doer
E alguns dormentes, disse o ajudante:
“Mas, raio, onde perdeste tu a chave?”
“Na minha casa, não sei onde a pus.”
“Então, porque a procuramos aqui e não lá?”
“Não vês vizinho?
Aqui há mais luz.”

Eis um estrondo
Nos fundos da casa.
“Que se passa?”
Sai a mulher de Nasrudin correndo.
Dirige-se para o quarto.

Diz o Mullá:
“Que espanto mulher.
Estou aqui, não estou lá.
Desnecessária preocupação.
Foi tão somente meu manto
Que caiu no chão.”

“Por amor de Deus Nasrudin
Como fez tanto barulho assim?”
“Tem razão.
Eu estava dentro dele.”

Com constância
Atravessava Nasrudin
A fronteira entre a Pérsia
E a Grécia.
Montado num jumento
Ladeando a besta
Dois cestos cheios de palha.
Voltava sem nada e a pé.

Sempre que ia,
Procurava contrabando
Ora a Guarda Fiscal,
Ora a polícia do local.
Mas nada...
“O que é que transportas Nasrudin?”
“Sou contrabandista”, respondia a sorrir.

Passaram anos, Nasrudin próspero
Encontrou no Egipto um dos guardas da fronteira.
“Diz-me agora Mullá
Longe da Grécia e da Pérsia
Sem que preso possas ser.
Que mercadoria transportavas?
Nunca conseguimos perceber.”
“Burros”, respondeu a rir.

O pai de Nasrudin aconselhava-o:

“Levante-se cedo de manhã.

Deitar cedo e cedo erguer

Dá saúde e faz crescer.”

“Porquê meu pai?”

“É um bom hábito

E bom conselho.

Olhe, certo dia

Levantei-me eu ainda o sol não nascera

E para meu espanto

Deparei-me com uma bolsa cheia de moedas,

Ouro do bom, ouro de lei.”

“Mas, meu pai,

Não a terão perdido na noite anterior?”

“Não meu filho, não estava lá.

Eu bem reparei.”

“Então nem sempre será de tino ou siso

Cedo erguer.

É porventura gratuito penhor.

Quem a bolsa perdeu e liso ficou

Levantou-se mais cedo que o Senhor.”

Com fome de dois dias
Entrou Nasrudin num café.
Esperou a sua vez
E logo que servido
Começou a comer com as mãos.

Passou um vizinho
Que o questionou:
“Porque come com as duas mãos, Mullá?”
“Porque três não tenho.”

“Porque é que nunca se casou, Nasrudin?”

“Toda a minha juventude busquei mulher perfeita.

No Cairo encontrei linda moça,

Inteligente, mas pouco delicada e descuidada.

Em Bagdá, mulher de alma generosa,

Mas não comungava de minhas motivações.

Conheci muitas mulheres:

Ou se excediam em virtude ou defeito,

Algumas meras ilusões.

Um dia conheci o ser imaculável,

Bela, educada, generosa e afável.

Tudo tínhamos em comum

E os dois parecíamos um

Na vida e no leito.”

“Então porque não a desposou?”

“Estava à procura do homem perfeito.”

Nasrudin desejava ardentemente um burrico
Que o auxiliasse nas suas árduas tarefas.
Sem meios para o adquirir
Orou insistentemente para que Deus o ajudasse.
Decorrido algum tempo,
Deparou-se com um homem montado num burro
Com um outro burrico pequeno atrás.

Quando passava por Nasrudin, disse:
“Vergonhoso.
Eu, meu burro e burrico estamos esgotados
E o senhor completamente descansado
Nesse lazer, sem nada fazer.”
Nisto, ameaçou-o com a espada
Obrigando-o a carregar o burrico às costas,
Transportando-o para a cidade mais próxima.

Caminharam por várias horas
Sem que Nasrudin exausto
Por medo se manifestasse.

Chegados ao destino,
Descarregado o fardo
Seguiu o homem sua carreira.
O Mullá ergueu os olhos ao céu e disse:
“Que assim seja Senhor.
Aprendi a lição com enorme suadeira.
De hoje em diante mais específico e concreto serei
Quando oração vos fizer.”

“Eu vejo no escuro
Como os pássaros da noite”,
Elogiava-se Nasrudin.

“Se assim é, como afirmas,
Porque é que pelas ruas
Por vezes te vejo
Transportando lamparina?”
“Tento evitar
Que outros em mim esbarrem.”

Entrou Nasrudin numa loja
Para comprar umas calças.
Bem vistas as coisas
Mudou de opinião
Tendo escolhido um manto.
Pegou-o e saiu
Da loja prazenteiramente.

“Nasrudin, esqueceu-se de pagar”, bradou o vendedor.
“Espere, não precisa gritar.
Não ficaram as calças
Que custam o mesmo que o manto?”
“Mas, também as não pagou...”
“E deveria?
Onde já se viu pagar
O que não quero comprar?”

Nasrudin tinha boas novas para o Rei.
Depois de grande dificuldade e paciência
Conseguiu a almejada audiência.

O Rei agradecido disse:
“Escolha Nasrudin a sua compensação.”
“Cinquenta chicotadas.”
Surpreso e abismado ordenou
O cumprimento do peticionado.

Aplicadas vinte e cinco, o Mullá anunciou:
“Alto lá! Tragam agora o meu parceiro.
Que receba metade da promessa.”
“Quem e porquê?”, perguntou sua Alteza.
“O camareiro real.
Permitiu ver-vos sob o juramento
De que com ele dividiria metade
Da recompensa.”

Um filósofo marcou
Debate com Nasrudin.

À hora determinada
Não o encontrou em casa.
Furioso e num ímpeto,
Com um pedaço de carvão
Escreveu no portão:
“Imbecil”.

O Mullá ao chegar
Correu de imediato a casa do filósofo.
“Mil desculpas pelo sucedido.
Tal não volta a acontecer.
Relembrei nosso compromisso
Quando seu nome vi escrito
No portal de meu quintal.”

Houve uma festa.
Estavam presentes todos os discípulos do Mullá.
Horas e horas a comer e beber,
Conversando sobre a origem do Universo,
O sentido da vida, o destino da humanidade.

O sol estava prestes a nascer
E preparavam-se para voltar a casa.
Em cima da mesa um prato de doces.
Nasrudin obrigou-os a comer.
Um recusou dizendo aos outros:
“O Mestre experimenta-nos.
Quer ter a certeza de que controlamos nossos desejos.”

Nasrudin ouviu.
“Enganas-te.
A melhor forma de controlar o desejo é satisfazê-lo.
Prefiro os doces nos vossos estômagos
Do que no vosso pensamento.
Este deve ser usado para mais nobre intento.”

Nasrudin entrou na casa de chá.
Olhou os presentes e exclamou:
“A Lua é de maior utilidade que o Sol.”
Interrogaram-se os ouvintes.
Seria verdade tal asseveração?
Até que o questionaram:
“Porquê, Mullá?”
“Ora, necessitamos de mais luz
À noite que de dia.”

Andando no mercado
Viu o Mullá vender pássaros
Cada um por cem moedas.

“O meu”, pensou,
Maior que todos esses
Será muito mais valioso,
Muito mais vale.

Eis que no dia seguinte
Carregou ao mercado gorda galinha,
Animal de grande estimação.
Mas ninguém,
Instado ou não
Lhe ofereceu mais de cinco moedas.
O Mullá furioso gritava
Em tom indignado:
“Isto é terrível, uma humilhação!
Ontem os vossos pássaros
Metade do meu
Valiam dez vezes mais.”
Nisto alguém replicou:
“Nasrudin, eram papagaios,
Pássaros que falam.
Porque falam o valem
E quanto mais falam, mais valem.”

“Idiotas, ignorantes, asnos,
Valorizais os que falam
E esqueceis os pensamentos maravilhosos do meu
Que não incomoda com conversa fiada
Nem horrorosos discursos.”

Nasrudin regalava-se sonhando
Que alguém lhe estava dando
Nove belas peças de ouro.

Pedi-lhe uma mais
Para dez completar.

Nisto acordou
E olhando a mão vazia
Sem que visse moeda alguma
Fechou os olhos e disse:
“Tudo bem.
Traz-me de novo o dinheiro,
Que eu aceito nove.”

Nasrudin comprou um burro na feira.
Um amigo deu-lhe instruções
Quanto à quantidade de ração do quadrúpede.
“Demais”, pensou.
“Vou habituá-lo a cada vez menos comer.
Diminuir a ração até que se acostume.”

Quando já quase nada comia
Morreu o jumento.
“Que lamento, que pena.
Com um pouco mais de tempo
Viveria concerteza
Sem alimento.”

A chuva rolava dos céus
Farta e copiosa
Quando o santo Aga
Corria para se abrigar.
Nasrudin, vendo-o, vociferou:
“Como ousas fugir desse modo
Da graça de Deus,
Do líquido divino dos céus?
Tão devoto e cumpridor da lei
E não entendes que chuva
É benção sagrada
Para a criação?!”
Aga, não querendo perder
A reputação de santidade
Afirmou não ter de tal forma pensado.

Caminhou contrafeito, vagorosamente,
E lentamente se ensopou.
Como consequência do seu passo frouxo
Com gravidade se constipou.
Cinco dias de cama e três de recuperação
Foi o custo de tal façanha
E de à força tentar manter
Imagem imaculada.

Algum tempo decorreu,
Que sentado à sua janela
Viu Nasrudin correndo
Afugentado de chuva torrencial.
Com transtorno e espanto o interpelou:
“De que foges tu? Da benção divina?
Como ousas renegar chuva abençoada?”
“Tento não pisar algo de tão sagrado, Aga.”

Disse um homem:

“Que a vontade de Alá seja feita.”

“Sempre se faz

Em todo o momento,

Em qualquer situação”, respondeu Nasrudin.

“Como podes provar tal afirmação?”

“Simples e conveniente.

Se a vontade de Alá se não fizesse sempre,

Seguramente que a minha

Uma ou outra vez se faria.”

Um homem herdou grande fortuna,
Mas num curto espaço de tempo
Não lhe restou um único centavo.
Sem saber o que fazer
Queixou-se a Nasrudin:
“Mullá, a minha situação é terrível.
Não sei como sobreviver.
Restar-me-á pedir esmola?
Que faço?
Que passo dar?
Haverá remédio para tal maleita?”

Nasrudin reflectiu e respondeu:
“Não se apoquente.
Em breve esfumar-se-á sua aflição.”
Já entusiasmado o pobre desgovernado,
Agitado e impaciente, perguntou:
“Como será meu bom Mestre?
Voltarei a ter riqueza,
As arcas cheias
E amigos à minha mesa?”
“Não, não, homem de Deus.
Acostumar-te-ás à pobreza.”

Nasrudin carregou o burrico com trigo.
Transportou-o ao moinho.
Enquanto aguardava a moagem
Sacava pedaços dos outros sacos
E assim atestava os seus.

Ao vê-lo em furto flagrante
Diz-lhe o moleiro:
“Que é que estás tu a fazer, Nasrudin?”
Com calma e indiferença respondeu:
“Posso fazer o que bem me apetecer.
Sou louco.”
“Se assim é,
Põe do teu trigo nos sacos dos outros.”
“Sou apenas um louco.
Se fizesse o que propões
Seria doido varrido.”

Na praça da aldeia
Recitava Nasrudin poesia,
Concentrado e enlevado:
“Ó minha amada
O meu interior está tão repleto de ti
Que tudo o que se apresenta à minha visão
Pareces ser tu.”

Um jovem chistoso perguntou:
“E se um imbecil ou tolo
Se apresentar à tua visão?”
Nasrudin continuou:
“Pareces ser tu.”

Diz-nos Mullá:

“Qual a essência do destino,

Qual o seu significado?”

“Meras suposições...”

“Em que sentido?

Não entendo a sua afirmação.”

“Cada um supõe

Que tudo irá correr bem,

Mas não corre.

A isto chamamos azar.

Que tudo irá correr mal,

Mas não corre.

A isto chamamos sorte.

Supomos que algo irá acontecer

Ou que tal não acontecerá.

Mas não sabemos de verdade

O que a realidade nos trará.

Enfim, supomos que o futuro

É imprevisível e desconhecido.

Quando ocorre ser surpreendido

No meio de tanta suposição

Chama-lhe você destino.”

Nasrudin especulava:
“As pessoas são como os animais.
Fazem o que eles fazem
Mas pensam que são diferentes.”
“Não seja tolo.
Se você tivesse razão
Os coelhos escreveriam livros
Tal qual gente”, disse um religioso.
“Escreveriam sim, escreveriam
Se de quando em vez
Olvidassem o desejo urgente
De comer cenouras.”

Meia-noite.

Nasrudin passeava-se pelas ruas

Sem direcção ou destino.

Um polícia questionou-o:

“Que fazes tu a esta hora?

É perigo vaguear só.”

“Perdi o sono e busco-o“, respondeu.

Perguntaram ao Mullá:
“Pode um homem velho,
Digamos de cem anos,
Ter um filho?”
“Pode.
Desde que tenha a cumplicidade
De uma jovem
Com uns vinte anos.”

O Mullá vivia numa cidadezinha junto de um rio.
Nas suas margens passeava com um copo de leite na mão.
Olhou para o rio, olhou para o copo,
Derramou o leite no seu leito
E com um galho
Começou a mexer as águas
Em contínuo movimento circular.
Passava o Presidente da Câmara
Que depois de muito o observar
Julgou estar Nasrudin louco.
Mesmo assim, interrogou-o:
“Que fazes Nasrudin há horas sem parar?”
“Estou a fazer iogurte.”
“Enlouqueceste homem?!”
Mesmo que derrames cem mil litros
Nunca farás iogurte.
O rio é vasto e suas águas muitas.”
Nasrudin olhou-o
Com o seu jeito peculiar de indagar:
“Já pensou se fosse possível?”

“Quantos anos tem, Mullá?”

“Quarenta.”

“Mas há dois anos

Quando lhe perguntei

Você também tinha quarenta.”

“Tem razão.

Sustento sempre o que digo,

Nunca me contradigo.”

“Mullá,
De onde vem toda a sua sabedoria?”
“Falando muito,
Falando sempre.
Digo o que me vem à cabeça.
Quando a expressão dos ouvintes
É de espanto e respeito
Eu sei:
Acertei.
Anoto então mentalmente
O que disse
Nessa precisa ocasião.”

Um rei velho e despótico,
Ignorante, quase anedótico,
Afirmou peremptoriamente:
“Se ninguém disser algo que me agrade
Cortarei a cabeça de todos vós.”
Nasrudin, como sempre
Fez menção de se adiantar:
“Alteza, nada façais
Que eu algo farei que vos compraza.”
“E que farás tu sandeu?”
“Eu consigo ensinar um burro a ler.
E a escrever também.”
“É melhor que o faças
Ou em vida ordenarei que te esfolem.”
“Irei honrar a minha palavra.
Mas tal tarefa ocupar-me-á dez anos.”
“Eu tos concedo.”
E nisto, retirou-se para os seus aposentos.
De imediato os nobres da corte
Envolveram Nasrudin com questões.
“Como é que podes ensinar um asno a ler?
Como ensinarás a escrever
Quem nem mãos tem?
A tua loucura levar-te-á a penitente morte.”
“Calma, tende calma, ficai tranquilos”, disse Nasrudin.
“Dormi sossegados, o mesmo farei.
O rei tem setenta e cinco primaveras
E eu com oitenta conto.
Muito antes dos dez anos
Outros factores e elementos
Irão influir no aprendizado do jumento.”

Nasrudin passeava com um discípulo
Quando pela primeira vez viu
Fantástica paisagem reflectida
Na superfície das águas calmas.
Árvores de folhas multicolores,
Flores de pétalas rosadas,
Tons ocre da terra
Salpicados pelo cinza das pedras
E pelo azul do céu.
“Maravilha das maravilhas”, disse.
“Mas se ao menos, se pelo menos...”, continuou.
“Se ao menos Mestre?!”, questionou o aluno.
“Se ao menos não houvesse água no lago!”

Foi Nasrudin ao banho turco.
Pela sua aparência,
Deram-lhe os empregados
Lenço velho e toalha desgastada.

Nasrudin nada disse
Não esboçou qualquer reclamação
E deixou choruda gratificação.

Decorrida uma semana voltou.
Tratamento principesco, primoroso e cuidado.
Quando saiu
Parca gorjeta deixou.

“Mas, Senhor”, questionaram os empregados,
“Porquê tão pobre presente
Por serviço tão esmerado?”
Nasrudin respondeu:
“Esta gorjeta é a da passada semana
E a dessa a de hoje.
Consideremo-nos pois pagos.”

Um miúdo que transportava um ovo no bolso
Encontrou o Mullá na rua do mercado.
“Mullá quer adivinhar?”
“O quê?”
“O que é que eu tenho no bolso esquerdo?”
“Como posso saber?!”
Posso adivinhar mas não sou bruxo.
Dá-me alguma indicação.”
“Claro, Mullá.
Tem a forma de ovo.
É branco e amarelo por dentro.
Casca por fora
E parece de verdade um ovo.”
“Já sei, já sei, por Alá”, respondeu entusiasmado o Mullá.
“É um bolo.”

Nasrudin transportava consigo
Antídoto contra mordedura de serpente.
Estranhando-o um aldeão perguntou:
“Para quê esse contraveneno?”
“Sabe como é perigoso”, respondeu.
“Peguei num pau
E julguei tratar-se de uma cobra.”
“Por amor de Alá,
Um pau não o picaria nem morderia.”
“Sim?!”
E a serpente que agarrei
Para me defender do galho?”

Nasrudin aguardava com paciência
Na sala de espera do médico.
Ia repetindo:
“Espero estar muito doente...
Espero estar muito doente.”
Os outros pacientes já inquietos
Olhavam-no intrigados.
Nisto, surgiu o clínico.
Nasrudin retornou:
“Espero estar muito doente.”
O médico não se conteve:
“Porquê, qual o seu prazer nisso?”
“Doutor, seria detestável
Que alguém que tão mal se sinta
De nada padeça.”

Nasrudin foi nomeado juiz.
Apresentado o primeiro processo,
Durante o julgamento
O queixoso foi tão persuasivo
Que o fez exclamar:
“Parece-me que tem razão!”
O velho escrivão
Experiente e diligente,
Com respeito e consideração
Cochichou ao Mullá:
“Excelência, por favor contenha-se.
Ainda não ouvimos o arguido.”
Ouvido este, tão persuasivo quanto o outro,
Disse Nasrudin:
“Penso que a razão está do seu lado!”
O escrivão não se conteve:
“Excelência, pode lá a razão a ambos assistir?!”
“Parece-me que você tem razão”, respondeu o Mullá.

Nasrudin iniciou a construção de uma casa.
Seus amigos, artistas, pedreiros, carpinteiros,
Arquitectos e engenheiros,
Todos o envolveram em conselhos.
Todos lhe diziam exactamente o que fazer.
Nasrudin, feliz, seguiu as instruções.
Terminada a construção
Com tudo se parecia menos com casa,
Nada tinha a ver com uma habitação.
“Curioso”, disse Nasrudin
“Fiz com exactidão
Tudo o que cada um
Me disse para fazer.”

Nasrudin transportava dois cestos de uvas.
Algumas crianças pediam-lhe um cacho.
Deu um ou dois bagos a cada uma delas.
“Como é avarento Nasrudin”, disseram.
“Claro que não”, respondeu
“Vocês são crianças tolas,
provando uma já sabem como as outras são.”

Um iraniano iletrado
Pedeu ao Mullá que lhe lesse uma carta.
Nasrudin olhou-a
E de imediato a rejeitou.
“Pede a outro que o faça,
Não sei persa.”
O iraniano insistiu
E Nasrudin confirmou:
“Não sei persa.”
“Como é possível?!”
Com tal manto e tal turbante
Poderá o senhor ser um verdadeiro ignorante?!
Não conseguir ler uma simples carta?”
Nasrudin risonho
Tirou turbante e manto,
Entregou-os ao iraniano.
“Então sendeiro, leia-a você mesmo.”

Um filósofo caseiro
Especulava no salão de chá:
“Estranha esta humanidade.
Insatisfeita e volúvel.
Quando está frio reclama.
Reclama do Verão e do Inverno.”
Enquanto todos aquiesciam,
Disse Nasrudin absorto e abstraído:
“Ninguém reclama da Primavera.”

Nasrudin levava por vezes
Viajantes e amigos no seu bote.
Um professor universitário contratou-o.
O Mullá transportava-o quando lhe perguntou:
“Poderá o tempo agravar?
Há possibilidade de temporal?”
Nasrudin respondeu:
“Não me pergunte nada sobre *isto*.”
Perante tal resposta
Volveu o erudito:
“Nunca estudou gramática?”
“Não.”
“Então, desperdiçou metade da sua vida.”
O Mullá manteve-se em silêncio.
Mas, dos céus escurecidos soaram trovões,
Elevaram-se as águas
Com ondas a desfazerem-se em espuma.
Não tardou que a embarcação metesse água.
Aí o Mullá dirigiu-se ao Doutor:
“Aprendeu a nadar?”
“Não”, respondeu o pedante.
“Bom, desperdiçou toda a sua vida.
Estamos prestes a afundar.”

“Estive no deserto”, disse o Mullá.

“Aí fiz correr para valer

Uma tribo sanguinária.”

“Como é que conseguiu?”, perguntaram os presentes.

“Simples: corri, e eles atrás de mim”, respondeu Nasrudin.

No museu o guia ia explicando:

“Este sarcófago tem 5000 anos.”

Nasrudin corrigiu:

“Cinco mil e três anos, é o que tem.”

O guia ficou vexado e os turistas impressionados.

Noutro local:

“Este magnífico vaso tem 2000 anos.”

“Dois mil e três anos”, volveu Nasrudin.

“Por amor de Alá”, disse o guia,

“Como é que pode ser tão preciso?

Não sei quem o senhor é,

Mas ninguém pode ser tão exacto.”

“Simples e óbvio”, respondeu o Mullá,

“Estive aqui há três anos.

Nessa altura você dizia

Que o sarcófago tinha 5000 anos

E o vaso 2000.”

Nasrudin quedava agonizante.
Pensava-se que iria morrer.
Sua esposa chorava.
Os discípulos estavam consternados.
O Mullá aparentava calma imperturbável.
Um dos presentes disse:
“Como é possível que estejas tão calmo,
Tu que te aprestas para deixar o mundo,
Quando todos nós estamos atormentados?”
Nasrudin sorriu e respondeu:
“Estou certo que o Anjo da Morte
Vendo vossas expressões e desespero
Um de vós por erro levará,
Deixando-me por cá uns anos mais.”

Nasrudin foi à consulta:

“Doutor, não me consigo lembrar de nada.

Nada mesmo.”

“Diga-me em que momento isso começou?”

“Isso, isso o quê?”

Nasrudin viajou para ver o mar.
As ondas desfaziam-se na areia,
Explodiam violentamente contra as rochas
Desfazendo-se em alva espuma.
O azul estendia-se ao céu do horizonte
E tamanha vastidão
Dominava um Nasrudin extasiado.
À beira-mar, de joelhos, mãos em concha
Provou a água que de imediato cuspiu.
“Lindo, pois sim,
Como é que coisa com tais pretensões,
De tamanhas proporções
Não é digna de se beber?!”

Nasrudin foi ao barbeiro
Que o barbeou desajeitadamente.
A cada navalhada novo golpe
Onde aplicava sucessivamente
Pedacos de algodão para estancar o sangue.
Um dos lados do rosto estava cheio de algodão.
Aprontava-se para iniciar o outro lado
Quando o Mullá vendo-se ao espelho disse:
“Obrigado irmão. Basta.
Decidi cultivar num dos lados algodão
E no outro cevada.”

Um rei incrédulo
Tendo ouvido narrar os poderes místicos
Do afamado Nasrudin, ameaçou-o:
“Enforcar-te-ei num ápice
Se não me demonstrares teu misticismo.”
“Vejo coisas estranhas, meu rei.
Aves douradas nos céus,
Demónios nas profundezas da terra,
Anjos cantando a glória de Alá.”
“Como podes tu ver o que não vejo?
Ver através da terra,
Na lonjura do céu?!”
“Medo, Majestade.
Medo vos juro,
É tudo o que necessito”, respondeu o Mullá.

“A verdade não é absoluta.
Mas existem afirmações
Que sabemos serem absolutamente falsas.”
“Como assim, Nasrudin”, perguntou um ouvinte.
“Deixa que te explique.
No mercado, na passada semana
Ouvi que eu estaria morto,
Que seria finado.”

Nasrudin em visita à Índia
Viu um homem vendendo
O que pensou serem doces.
Guloso, comprou inúmeros chiles.
Logo que comeu o primeiro
Lacrimaram os seus olhos
E o rosto ficou avermelhado
Por serem tão apimentados.
No entanto não se susteve,
Continuava a comer.

Um transeunte estupefacto comentou:
“Ouça amigo, chiles só poucos se comem.”
“Pensava que eram doces.”
“Se já sabe o que são,
Qual o motivo porque não pára?
Veja como ardem e fazem doer.”
Tossindo, soluçando, com lágrimas a escorrer,
Disse:
“Não vou deitar o meu dinheiro a perder.”

Um religioso disse:
“O meu desapego é imenso.
Nunca penso em mim, apenas nos outros,
Nos meus irmãos.”
Nasrudin afirmou:
“E eu sou objectivo.
Posso ver-me como outra pessoa.
Assim, sou capaz de pensar em mim.”

Nasrudin desempregado,
Pensando e aconselhando-se
Decidiu abrir uma farmácia.
Algo de grandioso a condizer
Com o seu estatuto e intenção.
Apetrechou o estabelecimento que adquiriu
E no exterior pintou uma tabuleta
Que de imediato tapou.
Tudo preparado, distribuiu folhetos:
“Inauguração amanhã às 9 horas”.
Vieram as gentes da aldeia e das vizinhas.
Na hora designada destapou o Mullá
A placa da fachada:
 “FARMÁCIA CÓSMICA E GALÁCTICA DE NASRUDIN”.
Logo abaixo inscrito:
 “INFLUENCIADA E HARMONIZADA COM INFLUÊNCIAS ESTELARES E
 PLANETÁRIAS”.
Fez óptimo negócio.
Mas, ao anoitecer, um erudito disse-lhe:
“Nasrudin é duvidoso o que apregoa...”
“Não, quando o sol se levanta eu abro,
Quando se põe a farmácia fecho.”

Alguém chegou esbaforido:

“Nasrudin, seu burrico desapareceu.”

“Graças a Alá que eu não estava em cima dele
Senão teria desaparecido também.”

Numa tabuleta de sua casa, podia ler-se:

MULLÁ NASRUDIN – MESTRE NADADOR
SALVAMENTOS – NATAÇÃO EM TODOS OS ESTILOS – ÁGUA DOCE – ÁGUA
SALGADA

Um interessado foi visitá-lo.

“Mestre, quero aperfeiçoar-me,

Ser um bom nadador.

É verdade que faço mergulho,

Nado em todas as águas,

Mas falta-me perfeição.”

Nasrudin expôs o seu método:

“Um primeiro estágio custa 20 moedas.

Um segundo com custo de 10

E o último de apenas 5.”

“Certo, estou satisfeito”, respondeu o candidato,

“Voltarei para o último.

É o que me convém,”

Um amigo dirigiu-se a Nasrudin
Pedindo-lhe o burro emprestado.
“Desculpe irmão, já o emprestei.”
Nisto, do estábulo chegou o zurrar do burrito.
“Mullá, ouço o teu burrico...”
Nasrudin fechou-lhe a porta na cara dizendo:
“Ora, se um homem prefere acreditar
Na palavra de um burro
Em detrimento da minha
Não merece empréstimo de coisa alguma.”

Nasrudin embrulhou um ovo num lenço
E na praça do vilarejo juntou o povo.
“Hoje vou pôr-vos à prova.
Que todos concorram.
Quem descobrir o que está dentro do lenço
Recebe o ovo que está lá dentro.”
O povinho começou por afirmar a sua ignorância,
Ninguém se sentia capacitado para presságios, adivinhações.
Volveu Nasrudin, em tom de auxílio:
“O que está no lenço é amarelo no centro
Tal como a gema.
Centro envolvido por liquido de cor clara,
Ambos dentro de frágil casca.
Tem como símbolo a fertilidade.
Evoca pássaros e seus ninhos.
Alguém sabe?”
Ninguém havia que num ovo não pensasse.
Mas, resposta óbvia...
Um místico não o faria.
Talvez o Sol,
Talvez uma energia,
Um objecto mágico,
Quem o diria?!
Nasrudin questionou-os uma vez mais.
Ninguém falou.

Alguém disse ao Mullá:

“Vou à cidade. Precisa de algo?”

“Preciso.”

“De quê, Nasrudin?”

“De um corte de cabelo.”

Nasrudin entrou na mesquita
Com camisa demasiado curta.
O fiel que o seguia
Decidiu puxá-la,
Ajeitando o desajeitado.
Nasrudin puxou de seguida
A do homem que se lhe seguia.
Este questionou-o:
“Que faz, homem?”
“Não me pergunte.
Pergunte ao que me precede.
Não fui eu que comecei,
Foi ele que começou.”

Nasrudin e um amigo
Decidiram partilhar um copo de leite.
“Beba primeiro Mullá.
Tenho um pequeno pedaço de açúcar
Que apenas dá para um de nós.”
“Então coloque-o no copo,
Beberei tão somente a minha metade”, disse Nasrudin.
“Nem pensar.
Este açúcar só adoçará metade.”
Nasrudin foi ao balcão e voltou com um punhado de sal.
“Meu amigo, sou então o primeiro a beber,
Mas quero o meu leite com sal.”

Um discípulo perguntou a Nasrudin:
“O que é a verdade?
Em que consiste?
Qual a sua essência?”
“É algo de que nunca falei
Nem falarei”, respondeu.

Nasrudin viu um vulto branco no jardim.
Sorratamente empunhou o seu arco
Atingindo-o com flecha certa.
Saiu para ver e voltou lívido.
A mulher questionou-o:
“Que se passou?”
“Foi por pouco.
Imagine que acertei bem no coração
Da camisa branca que estava a secar.
Se eu estivesse nela, já teria morrido.”

Um religioso erudito estava muito doente.
Tendo ouvido falar do misticismo do Mullá
Decidiu aconselhar-se.
“Nasrudin, ensine-me uma oração
Que me auxilie a entrar no céu”, disse.
“Certo, assim o farei.
Diga:
Meu Deus ajude-me.
Satanás ajude-me.”
Indignado com tal blasfêmia
Exclamou o paciente:
“Está completamente louco, Nasrudin!”
“Claro que não.
Um homem na sua posição,
Com duas alternativas viáveis,
Deve por todos os meios
Fazer os possíveis e os impossíveis
Para que qualquer uma delas o favoreça.”

Nasrudin bateu à porta de um vizinho.
“Amigo, estou pedindo ajuda
Para um desgraçado, bom homem
Que não consegue pagar dívida antiga.”
“Nobre atitude”, disse o vizinho
E deu-lhe uma moeda de prata.
“Já agora Mullá, diga-me quem é esse homem?”
“Eu mesmo”, disse enquanto se afastava.
Ainda não estava decorrido um mês
O Mullá bateu à porta do mesmo vizinho.
Este, precavido, disse:
“Novamente por causa de dívida, presumo?”
“Tem razão.”
“Suponho que seja você o devedor.”
“Desta vez não.”
“Prezo em ouvi-lo e à acção.”
Entregou uma moeda que Nasrudin guardou.
“Antes de ir, diga-me,
O que neste caso o fez pedir?”
“Sou eu o credor.”

Nasrudin corria ofegante
E no caminho encontrou um amigo:
“Peço-te um favor.”
“Claro Mullá, o que é?”
“Vai até àquele poço,
Caiu nele um homem.
Vou procurar uma corda
Diz-lhe que não vá embora
Até que eu volte.”

Nasrudin passeava.
Garotos atiravam-lhe pedras, escarnecendo-o.
“Não façam isso, parem.
Vou-lhes contar coisa que vos interessa.”
“Tudo bem Mullá.
Mas não se ponha com histórias e filosofias.”
“Não. O Emir oferece hoje um banquete para todos.”
Os miúdos correram para o palácio.
Nasrudin coçou a cabeça
E começou a imaginar magnífica e lauta refeição.
Levantou o manto ligeiramente,
Correndo atrás deles.
“Será melhor ir para ver.
Bem pode ser verdade.”

Nasrudin tinha um amigo
Que caiu de um prédio alto.
Sonhou estar no céu onde o encontrou.
Perguntou-lhe:
“Como foi amigo?”
“O impacto foi horrível,
Mas a viagem,
Essa foi demais...”

Nasrudin quis aprender música.
Procurou um professor e questionou-o:
“Quais os seus honorários?”
“Três moedas no primeiro mês.
A partir daí, uma moeda por mês.”
“Convém-me”, respondeu,
“Começarei no segundo.”

O túmulo do Mullá
Tinha uma porta enorme
Com barras e cadeados de protecção.
Ninguém deveria entrar sem ser pela porta.
A última piada de Nasrudin foi:
“O meu túmulo não deve ter paredes à volta.”
Na lápide inscrito o ano de 386,
Que traduzido por letras,
Técnica usual em túmulos sufis,
Expressa a palavra xuf,
Que significa “fazer com que uma pessoa veja”.
Talvez por isso,
Durante séculos se considerou
Que a poeira da sepultura
Era cura poderosa nas maleitas dos olhos.

WWW.HOMEOESP.ORG